

RESENHA

Ensinar Filosofia uma conversa sobre aprender a aprender

Mariana de Oliveira Guisso¹

O livro *Ensinar Filosofia: uma conversa sobre aprender a aprender* dos autores Marcos Nobre e Ricardo Terra, publicado pela editora Papyrus em 2007, decorre em forma de diálogo, problematizando o ensino de filosofia no Brasil, partindo de sua implantação e de que maneira deve ser tratada sua implementação no ensino médio. Contemplando quatro partes, a saber, A Implantação da Filosofia no Brasil; A Filosofia Institucionalizada; O discurso do Filósofo Atual e O ensino de filosofia, cada uma contendo uma junção de pequenos textos.

Através dos primeiros parágrafos já percebemos que a perspectiva do livro é proporcionar uma visão sobre o ensino de filosofia, tanto no meio acadêmico quanto na escola. Se faz uma discussão sobre o ensino desde seus primórdios no Brasil, como ela surgiu dentro da academia e de que modo ela era considerada. “Por isso, o objetivo último dessa discussão é tentar fazer um diagnóstico da situação atual do ensino de filosofia no Brasil e formular propostas concretas para a sua implementação, especialmente no ensino médio” (p. 9).

Para ter-se uma noção do que é ensinar filosofia deve se partir do ensino de filosofia que acontece em nível acadêmico, pois é dentro desta esfera que se formam os professores do ensino médio, nesta perspectiva os autores colocam como plano de fundo será que a universidade forma professores para o ensino médio e de que maneira a filosofia é tratada se de maneira histórica, teológica pelo viés de bacharéis entre outros. Trata-se de como a filosofia veio a se instalar no Brasil e como ela fugiu do blábláblá que se instalava entre os bacharéis que

¹ Acadêmica do Curso de Filosofia (LP) da universidade de Passo Fundo/RS. E-mail: marina.guisso@hotmail.com.

tratavam a filosofia como filosofia do direito e os teólogos que tratavam a filosofia como aquela que era ensinada nos seminários com bases puramente teológicas.

O caráter de implementação da filosofia no Brasil teve muito a influência pela região em que esta foi implantada, de acordo com o que os pesquisadores estudavam, pelas áreas de maior afinidade e assim por diante, não há muitos estudos sobre como se deu este processo do ponto de vista histórico, a implantação da filosofia no Brasil coincide com a implantação das primeiras universidades, o que é interessante neste contexto não é que foi o primeiro a escrever textos filosóficos, ou a estudar a filosofia, mas como se deu a sistematização deste conteúdo filosófico no meio acadêmico.

A filosofia passou de uma consideração absurda de implantação por ser um país extremamente agrário, para uma massificação maior do que a esperada dentro das universidades com cursos de qualidade formando graduandos e pós-graduandos, que também passam a atuar no meio público, todos de certa maneira buscavam fugir deste blábláblá que não era filosofia, mas, outra coisa, pois neste período já não se tratava de uma filosofia com bases teológicas de seminários, e nem uma visão filosofia do direito que os bacharéis pregavam, a filosofia voltou a seus princípios, por esta concepção deixou de se tratar a filosofia pura como aquela feita apenas fora do país, o que se tentou foi dar um novo fundo para fugir das correntes que destoavam do sentido real da filosofia, mostrando que o país também podia produzir filosoficamente e que a filosofia pode ser aplicada no meio social.

O debate é interessante para obter uma visão de que quadro existe hoje no campo da filosofia e como se chegou até os dias atuais. A construção crítica como se desenvolve o conceito de o que cabe a filosofia ensinar é amplo, concordo com os autores quanto ao rigor no desenvolvimento de conceitos que deve estar imbricada com o ensino e estudo da filosofia. “Em todas essas variadas tentativas de estabelecer um discurso rigoroso contra o que tinha sido a filosofia até então no

Brasil, nota-se o desejo, a necessidade de pensar filosoficamente.” (p. 23). Este pensar filosoficamente exige um conhecimento da história da filosofia o problema colocado é de que maneira se faz está ponte pois segundo os autores: “Fazer filosofia sem história da filosofia seria equivocado e impossível, pois as duas coisas estão muito ligadas. Toda a questão tanto no ensino médio quanto no ensino superior, é como articular a história da filosofia dentro de pensar filosófico” (p. 25).

Um ponto colocado logo em seguida é que este pensar filosoficamente acontece com uma articulação entre fazer filosófico e história da filosofia envolve o meio público, o modo como a filosofia se articula além dos muros da escola e academia, segundo eles e para minha concordância já houve um equilíbrio entre as duas e talvez em algum ponto este tenha se perdido.

Na luta contra o blábláblá filosófico a criação da pós-graduação teve um caráter decisivo por ser pós-ditadura militar que o projeto vigorou, já não tinha a sombra das correntes anteriores, apesar de se ter um campo muito distinto em todos os estados a produção de qualidade foi o que pode fundamentar este meio de se fazer filosofia no Brasil. Miguel Reale ainda tendia a defender e fundamentar o blábláblá, pois seu pensamento é contrário ao quadro traçado pela filosofia atual e como ele fundou uma revista a Revista de Filosofia Brasileira, havia um clima de tensão pois os outros filósofos da época pensavam de maneira diferente e não tinham condições de fundar uma revista, então ao mesmo tempo que publicavam na revista de Reale e iam aos mesmos congressos eles eram adversários políticos pelas divergências de pensamento, esse quadro só passa a mudar de figura depois de 1970 onde começa a se estruturar o projeto de pós graduação. “Esse fato foi decisivo, porque, se a pós-graduação no Brasil tivesse, por exemplo, ido parar nas mãos de grupos como o de Miguel Reale – que apoiou a ditadura militar -, a filosofia no Brasil seria outra coisa. Provavelmente não teríamos feito filosofia, mas outra coisa” (p. 31).

Foi por meio desta consolidação da filosofia que se abriram portas em outros campos, e a filosofia passa a ocupar o meio público, como alguém que pode dar opiniões e pode ser enriquecedor quando se discutem os mais variados temas, seja no lado cultural ou no meio político da sociedade. O que coincide com a abertura da democracia e outras demandas nascentes do meio, a filosofia contribuiu com o debate e o enriqueceu quanto a maneira reflexiva de se pensar um país recém-saído da ditadura. Penso que esse quadro não levou muito tempo para se alterar, pois, a ditadura extinguiu a filosofia do meio e seu papel após sua queda foi de reflexão do pensamento quanto as novas demandas que afloraram pós-ditadura no meio social, porém a sua “hegemonia” foi riscada pelos anos de esquecimento, é por causa disto um pouco da dificuldade de implanta-la no ensino médio, no começo e até mesmo agora há mais do que nunca uma escassez de profissionais que atuam neste campo. “Então, por um efeito fantástico da escassez e, ao mesmo tempo, do desejo de pensar juntamente com outras disciplinas, criaram consórcios que contribuíram para os maiores saltos teóricos que o Brasil já deu” (p. 35). Por meio destes consórcios filósofos, historiadores, economistas, jornalistas e outros passam a debater juntos os temas que movimentam a sociedade tentando entender o momento que se vive, de maneira à acrescentar os conhecimentos individuais de cada área e não ao contrário como poderia parecer.

Este panorama diz respeito a primeira parte do livro, a partir deste momento se aborda as considerações da segunda parte a filosofia institucionalizada. No período de 1970 a filosofia foi consolidada com a pós-graduação onde se tinha padrões que faziam com que todos pudessem ter parâmetros para o que se estava produzindo. Por volta de 1990 se perdem estes padrões e acontece uma guerra quanto a consagração acadêmica, pois, não se sabe se o projeto poderia ser julgado de maneira íntegra ou se por ideologias ou interesses políticos, levando estes anseios para a mídia para que sejam respaldados, quando se confundem os padrões começa-se a querer agradar o modelo de uma instituição ou o modelo de

algum avaliador sem que se leve em conta o que se pode produzir, e sim o que se deve produzir para ser reconhecido e agradar dentro das instituições acadêmicas. “Hoje, o indivíduo já não prepara seu projeto de pesquisa, já não apresenta um artigo que revele a posição filosófica dele. Ele faz seu projeto de acordo com o comitê, ou melhor, de acordo com a imagem que ele tem de quem vai avaliar ser projeto” (p. 47).

Partindo deste ponto de onde acontece uma mudança no cenário, muda-se também o conceito de consórcios, já não é mais um grupo de profissionais que agregam-se entre si, neste ponto o profissional é instigado a fazer parte de redes e não se redes “maiores” com outros profissionais e sim profissionais que pesquisem o seu assunto pelo mundo assim, os pesquisadores de um determinado assunto participam de uma rede internacional, agora ele produz não padrões internacionais por ser um profissional global, o que faz com que é competir nesta rede por uma consagração acadêmica, o que faz com que o princípio de dialogo agregador do consórcio se perca aos poucos.

A visão dos autores neste ponto do texto é de que as redes fecham o indivíduo e deixam de dar um caráter original a filosofia que se faz no Brasil, pois com a internacionalização ela não chega a ser pensada e debatida dentro dos contextos que nascem das demandas atuais, se trata de uma busca alucinada pela consagração sem se buscar o papel do pesquisador enquanto peça chave para que se compreenda a realidade a luz dos conceitos filosóficos que estão na tradição, se perde o consórcio, a reflexão da pesquisa nas ciências humanas na compreensão local, na contribuição de outras disciplinas.

Sobre a terceira parte do livro pode-se apontar primeiramente a ideia de um especialismo cego, onde o pesquisador é aquele que sabe cada vez mais de cada vez menos, que estuda um único autor, uma única obra, ou um único conceito em determinado autor, perdendo a conexão com o que está a sua volta, com os outros assuntos, com a realidade com a literatura etc. Pode-se resumir o filósofo

especialista a aquele que não consegue mais articular o conhecimento com a realidade, onde se perde o conceito de filósofo que se lutou para implantar quando se fugia do blábláblá.

De um lado aquele que não tem padrão para a sua produção e cultiva uma espécie de blábláblá do outro aquele que é especialista no pedacinho do pedacinho perto de toda a cultura que a filosofia carrega e completamente distante de sua realidade. “Assim, a universidade fica oscilando entre o discurso da cegueira especializada e o, digamos, blábláblá pós-moderno, para diferenciá-lo de antanho.” (p.64).

Para fugir deste impasse deve se pensar a filosofia dentro do contexto da sociedade dentro da cultura, dentro da formação dos professores na universidade para que não levem um destes discursos para a sala de aula seja na universidade seja no ensino médio, e sim algo que proporcione um fazer filosófico, ligando-se a outras disciplinas e outros elementos, para que a mesma não fique reclusa somente a história da filosofia ou aos achismos do senso comum.

No quadro atual a filosofia tem um papel de articulação com os outros saberes, de conversar com as outras disciplinas e pensar os problemas do ponto de vista filosófico, o aluno como acadêmico deve receber este modelo que é o diálogo com o mundo ao seu redor que não é a auto ajuda do blábláblá e nem o especialismo cego, para poder reforçar isso posteriormente em sua prática como professor.

Na última parte do livro trata-se da questão do ensino de filosofia. “É preciso começar a pensar na questão do ensino, na formação dos professores nesse contexto de dificuldade para a formação de consórcios” (p. 85). Porém, para que isso aconteça deve se ter a clareza que a tradição propicia ao intelectual-filósofo, pois com um rigor conceitual se pode analisar, discutir e debater os mais variados temas da perspectiva filosófica e isso deve estar imbricado com a realidade das universidades, para que se possa fazer a ponte entre o contemporâneo e a história.

A realidade escolar do “colegial”, ou seja, do ensino, médio está tendendo a romper as barreiras da escola e ultrapassar para as universidades, onde os alunos somente recebem o conhecimento, não querendo usufruir dos meios existentes na universidade para se desenvolverem além destas barreiras, para isso deve ser dado um número maior de tempo para o contato com a biblioteca e a própria cultura em meio os dias letivos das universidades, pois assim como os 200 dias letivos das escolas esse número também é excessiva universidade e tenho uma concordância quanto a este ponto colocado pelos autores, pois, o desenvolvimento intelectual e o compromisso com o curso não perpassam somente pelas salas de aula, isto deve ser pensado nas bases curriculares de cada um dos cursos para que a educação não se torne algo mecanicista onde o aluno possa se tornar um sujeito passivo.

Na esfera do ensino médio temos uma dificuldade de os professores lidarem com o grande número de dias letivos, sem um material que possa lhes servir de base para a prática pedagógica, os matérias que existem são insuficientes o que gera uma busca direta aos conteúdos midiáticos sem que haja um escopo da tradição ou de qualquer outro parâmetro caindo novamente inúmeras vezes no blábláblá. Isso deve ser de algum modo tratado na universidade, pois o ensino do ensino médio perpassa o ensino na universidade. “Na universidade formam-se tanto o professor universitário como o do ensino médio” (p. 103).

As observações que o livro trás de algum modo retomam, as próprias inquietações dos estudantes de filosofia no campo acadêmico, pois a responsabilidade em lidar com o cenário atual é daqueles que se fazem atuantes e dos que futuramente exercerão este posto. Esta interdisciplinaridade que a filosofia proporciona enquanto uma articulação possível que pode conversar com todas as ciências, deve ser estudada e aprofundada, em método e conceito para que a filosofia siga um caminho seguro longe do blábláblá e do especialismo cego.

Referência

NOBRE, Marcos; TERRA, R. *Ensinar Filosofia: uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas: Papyrus, 2007.